

## ORGANIZAÇÕES ALTERNATIVAS DE EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO

**Laira Gonçalves Adversi**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR

**Rene Eugenio Seifert**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR

### Eixo 3 – Educação, Trabalho e Emancipação

As organizações educacionais dominantes vêm sendo questionadas e alternativas educacionais vêm se desenvolvendo pelo mundo. Autores como Illich (1985) e Meneghetti (2009) tecem críticas ao modelo educacional vigente. O autor Meneghetti (2009) afirma que a educação se tornou um dos elementos essenciais para a reprodução do sistema capitalista. Segundo o autor, ela é responsável pela materialização da ideologia na consciência dos indivíduos, preparando-os para aceitarem a realidade, para reproduzirem a organização do mundo dominante.

Apesar disso, Meneghetti salienta que há possibilidades reais de mudanças, pois a própria dimensão histórica, a composição psíquica dos sujeitos, as contradições ocorridas nas relações sociais e o rompimento natural oriundo das transformações do mundo concreto são elementos mais que suficientes para mudanças. Nesse sentido, há estudos como o de Gouvêa (2016) que investigam movimentos educacionais que questionam o modelo escolar hegemônico. A autora, por exemplo, faz um levantamento de algumas escolas e experiências educativas que adotam outras formas de organização educacional.

Diante desse cenário, este trabalho tem o objetivo de compreender uma organização alternativa de educação (OAE) comparando-a ao modelo educacional dominante. Para isso, consideramos também os estudos organizacionais que tratam das diferenças entre organizações dominantes e alternativas.

As organizações dominantes são retratadas pela literatura dos estudos críticos, como uma forma de dominação, orientadas para a máxima eficiência técnica produtiva e para o crescimento econômico (ADVERSI; SEIFERT, 2022). Já as organizações alternativas não se submetem a essa lógica dominante (BARCELLOS; DELLAGNELO, 2013) e estabelecem limites à eficiência técnica produtiva e ao crescimento econômico (ADVERSI; SEIFERT, 2022).

Metodologicamente, esta pesquisa qualitativa se caracteriza como estudo de caso, orientado por uma abordagem exploratória-descritiva de caráter indutivo. Os dados são coletados por meio de entrevistas e observações. A análise de dados é conduzida por meio da técnica de análise de conteúdo. O termo “OAE” é utilizado como nome fictício para identificar a escola que se situa em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul.

A gênese da OAE relaciona-se a questionamentos intuitivos aos princípios dominantes sociais que orientam o modelo escolar vigente. Nesse sentido, a história da escola relaciona-se à história de vida de seu fundador. Ele relatou que durante sua infância e adolescência não teve boas experiências na escola e tinha dificuldades para se enquadrar nas regras da instituição. Ele não chegou a concluir o ensino médio e se considera autodidata. Começou a trabalhar profissionalmente aos 16 anos de idade na área de informática, se tornou expert na área, montou sua própria empresa e alcançou o status de empresário bem sucedido financeiramente, aos vinte e poucos anos. Porém, seu trabalho de empresário também deixou de fazer sentido para ele. Isso o levou a criação da escola alternativa.

A própria história de vida do criador da organização revela indícios de questionamentos ao modelo dominante educacional. Primeiro, mesmo sem continuar os estudos de maneira formalizada, o fundador da OAE alcançou status de crescimento econômico e eficiência produtiva. Segundo, após se tornar empresário, mesmo estando alinhado aos princípios dominantes, questionou-os e optou por criar uma organização educacional alternativa.

A criação da OAE foi inspirada em uma pesquisa acerca de escolas alternativas de diversos países, principalmente da América Latina, em específico, uma escola no Peru. Os princípios da organização demonstram ligação com a cultura dos povos indígenas da América do Sul, principalmente a do povo Quéchuas. Porém, a escola adota uma pedagogia própria, acolhendo, honrando e respeitando todas as outras linhas pedagógicas.

A ligação da OAE com os povos indígenas revela uma oposição aos princípios dominantes de crescimento econômico e eficiência produtiva, pois, a própria cultura desses povos se contrapõe às premissas capitalistas de exploração da natureza e das pessoas.

O espaço físico da organização é baseado nos princípios da sustentabilidade ambiental. Localiza-se em um bosque bem arborizado, conta com banheiros ecológicos, bioconstruções, sistema de compostagem e uma área de prática de agroecologia. Essas características revelam sua ligação com a cultura que considera a Terra sagrada.

Atualmente a organização conta com 32 alunos, crianças entre 4 e 14 anos, e cinco educadoras. A escola funciona em contraturno, no período da manhã e as famílias não pagam mensalidade. Assim, a OAE se mantém financeiramente por meio de doações e comercialização de cursos e palestras.

A OAE, diferente da escola dominante, não tem o intuito de preparar os alunos para o mercado de trabalho tal como conhecemos, nem mesmo para o vestibular. O intuito é tratar do desenvolvimento integral do ser e do estar no mundo. Além disso, na OAE não há ensino de disciplinas, nem divisão de alunos por séries.

As atividades educacionais são propostas para os alunos a partir do interesse de cada criança de forma individual ou grupal. De modo geral, não há um programa pré-definido pelos adultos. Os educadores mostram-se abertos às demandas que são trazidas pelos eventos diários na rotina das crianças. Para isso, a princípio, os professores exercem bastante a observação, com intuito de orientar os alunos em seus interesses e buscam interferir o mínimo possível em situações que, segundo as professoras, transcorrem e falam por si só.

Assim, a OAE atua por meio de processos intuitivos e não por programações pré-estabelecidas como em uma escola dominante, procurando respeitar os interesses, o tempo, o processo, o espaço e o modo de ser de cada criança, provocando os adultos exercerem um olhar menos hierárquico para as crianças. Esse aspecto parece corroborar com o movimento denominado por Moretti, Vergutz e Corrêa (2017) de iniciativa educacional organizada com e pelos sujeitos.

A organização investigada promove a “teia educacional” defendida por Illich (1985). O autor afirma que a aprendizagem ocorre no dia a dia, no lazer, no trabalho, com a família, com amigos, com a comunidade, com a participação social, ou seja, na teia educacional. Assim, as pessoas transformam cada momento de suas vidas em um instante de aprendizado, de participação e de cuidado. Essas informações remetem a Freire (1995) que, ao se referir à educação popular, afirma que não há saberes maiores nem saberes menores, mas saberes diferentes que juntos tramam o saber verdadeiro. Essa visão corrobora com Santos (2002) que argumenta a favor de uma educação que valorize e considere as experiências sociais na sua totalidade. No caso da OAE as vivências vindas de fora da escola são promovidas e valorizadas.

Os princípios da OAE são diferentes dos princípios do modelo educacional vigente, por isso, em termos legislativos, a organização não é aceita pelo Estado como

uma substituta de uma escola dominante. Por isso, um pré-requisito para ser aluno da OAE é estar matriculado em uma escola convencional.

A escola realiza um forte trabalho com os adultos, por isso, é identificada como uma escola para crianças e adultos (pais, tutores, professores, comunidade, etc). Um de seus lemas é: “Primeiro um novo adulto. As crianças, deixemos em paz”. Portanto, as primeiras pessoas a serem trabalhadas são os adultos. Segundo os integrantes da OAE, o que acontece com os adultos reflete diretamente nas crianças, pois elas atuam como espelho do que acontece com seus tutores, professores e demais adultos. Nesse sentido, a organização atua na proposta de que os adultos não atrapalhem os processos das crianças e, em vez disso, invistam no trabalho de si mesmos, pois, quando os adultos não estão bem, as crianças são afetadas negativamente.

O trabalho que a OAE realiza com os adultos traz uma reflexão acerca do comentário de Hannah Arendt no livro *A Condição Humana*. A autora diz que as transformações sociais podem tomar as crianças como fontes de esperança, pois elas ainda não foram formatadas segundo a ordem social vigente. Diante disso, a OAE busca atuar reconhecendo que os adultos, já formatados pelos valores da racionalidade dominante, podem atrapalhar as crianças no processo do desenvolvimento do ser.

A OAE indica evidências de oposição aos princípios dominantes de crescimento econômico. Nesse sentido, podemos destacar que a escola busca recursos financeiros suficientes para se manter em bom funcionamento e não para acumulação de capital. Também não há perspectivas de expansão do empreendimento, abrir filiais, etc. O objetivo da OAE é espalhar sua ideologia para outras escolas do Brasil e vê-las sendo praticadas. Além disso, a escola tem data prevista (2036) para encerramento das atividades e o espaço em que foi ela construída será devolvido para a prefeitura na data estabelecida.

A organização investigada também aponta evidências de contraposição aos princípios dominantes de eficiência técnica produtiva. Nessa direção, podemos salientar o critério de aceitação de doações financeiras. O líder prefere não aceitar doações de qualquer doador, pois, segundo ele, a energia dos doadores e das doações tem influência sobre o campo energético da escola.

As conclusões preliminares revelam que a organização alternativa investigada provoca processos de desconstrução pessoal e social, entre eles, os de ordem ideológica. Assim, não se enquadra nos padrões de escola dominante, pois foge de padrões educacionais, formatados, e por isso, enfrenta algumas dificuldades em termos

legislativos. Outrossim, a atuação da escola se dirige principalmente aos adultos (pais, educadores e comunidade) para que esses não atrapalhem o desenvolvimento das crianças. Ademais, a OAE promove a aprendizagem via teia educacional. Por último, a OAE não se submete às premissas das organizações dominantes, entre elas, a lógica racional instrumental da eficiência técnica produtiva e a do crescimento econômico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Organizações alternativas; Educação; Pedagogias alternativas.

## REFERÊNCIAS

- ADVERSI, Laira. G; SEIFERT, Rene.E. Limites ao crescimento econômico e à eficiência técnica em organizações alternativas: suficiência e convivencialidade. **Cadernos EBAPE**, v. 20, n. 1, p. 77-88, 2022.
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. São Paulo: Forense universitária, 2007.
- BARCELLOS, Rebeca M.R; DELLAGNELO, Eloise Helena L. Novas formas organizacionais: do dominante às ausências. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 7, n. 1, p. 1-16, 2013.
- FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- GOUVÊA, Tatiana S.B. O movimento brasileiro de renovação educacional no início do século XXI (doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.
- ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MENEGHETTI, Francis. K. Trabalho e educação em Maurício Tragtenberg (doutorado). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.
- MORETTI, Cheron Z; VERGUTZ, Cristina L.B; CORRÊA, Aline, M. Possibilidades emancipatórias na escola família agrícola de Santa Cruz do Sul: diálogos entre a pedagogia da alternância e a educação popular. **Revista e-curriculum**, v. 15 n. 3, 2017.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 63, p. 237-280, 2002.

\*Agradecimento ao CNPq: 433438/2018-5